

HOMENAGEM AOS PIONEIROS DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA EM SÃO PAULO¹

Maria Helena Rocha Antuniassi²

Resumo: Os movimentos sociais são uma forma específica de mobilização e de transformação social que diferem dos partidos políticos e sindicatos, uma vez que nascem e atuam no seio dos mais diferentes estratos sociais. A memória, por outro lado, é uma categoria social que possibilita a operacionalização, e é amplamente utilizada em numerosos estudos nas Ciências Sociais. Este texto tem por base dados levantados em uma pesquisa empírica realizada no NAP/CERU nos anos 1980. A pesquisa recuperou dados sobre os pioneiros do movimento desde o seu início nos anos 1970 até meados de 1980, com a criação do Partido Verde.

Palavras-chave: Movimento social. Estratos soais. Memória. Homenagem.

Abstract: Social movements are a specific form of mobilization and of social transformation that differs from political parties and unions, as they are born and act within the most different social strata. Memory, on the other hand, is a social category that enables operationalization, widely used in numerous studies in the Social Sciences. This text is based on data collected in empirical research carried out at NAP/CERU in the 1980s. It recovers data on the pioneers of the movement from its beginnings in the 1970s until the mid-1980s, with the creation of the Green Part.

Keywords: Social Movements. Social strata. Memory. Homage.

¹ Este texto foi escrito com o objetivo de homenagear os pioneiros do MA – movimento ambientalista no Estado de São Paulo, resgatando dados de uma pesquisa empírica realizada pela autora no NAP/CERU no final da década de 1980.

² A autora é professora titular aposentada da UNESP de Botucatu (F.C.A.)

O presente estudo parte do princípio que o conhecimento da realidade brasileira passa pelo estudo e análise dos inúmeros movimentos sociais, considerando o poder de mobilização constatado nos grandes centros urbanos ou na área rural. Trata-se de uma forma específica de mobilização para a transformação social que difere dos partidos políticos e sindicatos. São mobilizações que nascem e atuam no seio dos mais diferentes estratos sociais. Memória é uma categoria social que possibilita operacionalização, amplamente utilizada em numerosos estudos nas Ciências Sociais.

As análises sociológicas realizadas sobre os movimentos sociais, em sua maioria, têm demonstrado que os mesmos expressam sentimento de autogestão, livre organização e democracia de base. Pela importância na história e dinâmica social nas diversas sociedades nacionais ou internacionais contemporâneas, os movimentos sociais têm merecido grande atenção dos cientistas sociais gerando inúmeros estudos cuja sistematização apresenta diversas teorias e correspondentes paradigmas, baseados nos consagrados estudos de Weber, Marx, Habermas, Foucault, Guatari e Goffman.²

O primeiro e mais amplo estudo realizado sobre o movimento ambientalista entre nós, isto é, na academia, foi realizado por E. J. Viola.³

Ao analisar a história e a atuação do movimento brasileiro Viola traça a seguinte periodização:

- A) 1974 – 1981 – Fase ambientalista
- B) 1981 – 1986 – O ecologismo em transição

A fase A mostra o movimento constituído por dois movimentos paralelos e independentes entre si: os movimentos de denúncia da degradação ambiental e as comunidades rurais, ambos se definindo como apolíticos.

A fase B mostra a atuação do movimento tendo em vista a transição democrática. Essa atuação, entretanto, é considerada como tangencial, pois se efetiva por meio de um setor minoritário envolvido com a campanha das “Diretas Já”. A partir de 1985, tendo em vista a perspectiva de influenciar a formulação da nova constituição, o movimento faz uma opção, claramente ecológica.

² O estudo mais completo dessa análise e sistematização nos é dado no estudo de Maria da Glória Cohn, no seu livro *Teorias dos Movimentos Sociais, Paradigmas Clássicos e Contemporâneos* - Edições Loyola, São Paulo, 1997.

³ O Movimento ecológico no Brasil do ambientalismo a ecológica. UFSC – 1986.

Tendo em vista as observações de Viola, os pesquisadores decidiram dar início a sua análise sociológica com base na compreensão do papel que o movimento exercia e de suas potencialidades de ação política no âmbito da política estadual. Assim sendo decidiram começar a pesquisa frequentando reuniões, conversando de maneira informal com os militantes com o objetivo de compreender suas motivações, representações que poderiam levá-los a um propósito coletivo capaz de lhes proporcionar uma “consciência do nós”.

Iniciando pela sistematização das observações diretas dos pesquisadores e do conteúdo dos depoimentos informais obtidos nas “conversações” realizadas nas reuniões e eventos, os pesquisadores levantaram a hipótese (confirmada no decorrer da pesquisa) que se poderia constatar no MA paulistano, naquele momento, duas tendências de atuação com base nas posturas e visões de mundo diferenciadas, capazes de gerar polêmicas e conflitos superados pelo sentimento de pertencimento a um movimento com identidade de propósitos: entidades e militantes.

Ambientalistas e Conservacionistas

A visão e a práxis ambientalista têm como característica o fato de subordinarem sua ação à consideração de respeito a uma ética com base em uma concepção cosmológica em que o universo é compreendido como um sistema orgânico de relações harmônicas que está num plano superior mais amplo que transcende o histórico-cultural; nesse caso, o ambientalismo faz parte de uma filosofia que pretende resgatar na humanidade o um sentimento nato de pertencimento a esse cosmos.

Os conservacionistas têm uma visão referida ao plano histórico-cultural. A humanidade está inserida num sistema socioeconômico que neste período histórico tem por base um sistema de valores que se tornou disfuncional a sua própria sobrevivência, vivenciando, portanto, um período de crise que necessita ser superada. A questão, portanto, é uma reformulação das práticas de usufruto dos bens naturais.

Histórico do movimento em São Paulo

De acordo com nossos levantamentos pode-se dizer que a problemática ambiental começa a aparecer com frequência nos noticiários dos meios de comunicação a partir de 1970, sobretudo por ocasião da “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente” em Estocolmo, em julho de 1972.

Nessa Conferencia o chefe da Delegação brasileira deixou claro que o Brasil não estava disposto a repensar suas ações em relação aos problemas ambientais e, conseqüentemente, sobre os recursos naturais.

Um país que não alcançou ainda o nível satisfatório mínimo no prover essencial, não está em condições de desviar recursos consideráveis para a proteção do meio ambiente, devemos confiar que as soluções virão no tempo necessário (O Estado de São Paulo, 7 jun. 1972).⁴

Essa posição suscitou forte reação do governo autoritário tornando as críticas mais acirradas. Entre os pronunciamentos públicos individualizados de grande repercussão foi o do paisagista Burle Max criticando os critérios de construção de estradas. Os pronunciamentos de Piquet Carneiro, presidente da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, também tinham espaço garantido nos meios de comunicação.

No ano de 1973, registrou-se um grande número de denúncias de devastação e destruição de recursos naturais resultante da construção da Rio-Santos, Imigrantes.

Foi nesse ano que o pintor Abella faz o seu protesto solitário, de grande repercussão, saindo as ruas de São Paulo com uma máscara contra⁵ gases e cartazes chamando a atenção da população para a poluição da cidade.

Figura 1

Quadro de Miguel Abelá, 1973.



Estavam lançadas as bases de uma entidade “Arte e Pensamento Ecológico” – MAPE – que viria a ter papel preponderante na evolução do movimento.

Uma outra entidade que apareceu nessa época, colocando denúncias e reivindicações foi a “Sociedade de Ecologia e Turismo”, sediada em Itanhaém, tendo por presidente Ernesto Zwarg Junior. Essa sociedade ganhou admiração do grande público quando conseguiu sentença judicial impedindo a construção de edifícios de apartamentos na praia do Sonho, antes da instalação da rede de esgoto.

A grande batalha do movimento na década de 70, que se tornou um marco da sua consolidação no Estado de São Paulo, refere-se a tentativa de construção de um aeroporto metropolitano sobre as matas de Morro Grande, em Caucaia do Alto. Nessa luta contra o governo autoritário de Paulo Egydio Martins o movimento obtém o apoio do MDB “Movimento Democrático Brasileiro” e de várias entidades de classe como dos arquitetos,

Agrônomos, biólogos, geógrafos, artistas e intelectuais manifestaram-se, assim como o prof. Aziz Ab'Saber e Nanuza Menezes, presidente da Sociedade Botânica do Brasil, ambos professores da USP.

Em histórica reunião essas entidades criam a Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade – CDPC, tendo à frente o jornalista Waldemar Paioli. A Comissão utilizava estratégias como caravanas para visitas às matas e encaminhamento de memoriais a várias autoridades como o Gal. João Figueiredo, chefe do SNI, e vários Ministros (Agricultura, Aeronáutica e outros).

Um outro episódio que muito contribuiu para a oposição cerrar fileiras junto ao movimento e que lhe deu força e repercussão foi a dificuldade que os estudantes de engenharia metalúrgica e biologia da Universidade de São Paulo tiveram para realizar a sua semana de Ecologia.

Às vésperas do evento os auditórios não foram liberados sob a alegação de que as entidades organizadoras do evento não representavam legalmente os estudantes.

Nesse contexto, é importante notar o rápido crescimento do número de entidades ambientalistas atuantes em janeiro de 1978, os jornalistas falavam em vinte e duas, em fevereiro em cinquenta e quatro e em março, sessenta e sete. O movimento cresceu de maneira surpreendente e foi fortalecido pelo apoio de toda a oposição ao governo autoritário. Neste mesmo ano, em meio aos protestos contra a instalação da Usina Nuclear em Angra dos Reis, o movimento ganha o apoio explícito de um grande e importante aliado, D. Paulo Evaristo Arns e, conseqüentemente, o apoio amplo e decidido da Igreja Católica.

Em 1980 as manifestações do Movimento ganham um grande e atuante aliado, o “Movimento contra a mudança da Capital”. Nesse ano os ambientalistas liderados pela atriz Cacilda Lanuza, do grupo Seiva e Ecologia, organizou na Praça da Sé uma grande manifestação que teve um caráter não só de protesto, mas também uma ação pedagógica junto à população com ampla distribuição de folhetos discutindo a instalação de usinas nucleares. O evento incluiu atividades artísticas, como show musical e teatro.

Figura 2

Atriz Cacilda Lanuza



Diante da repercussão das atividades do MA em 1981, o presidente Figueiredo institucionalizou as comemorações do Dia do Meio Ambiente e, um pouco mais tarde, em São Paulo, o governo Montoro, eleito com uma plataforma de luta pela preservação ambiental, abriu caminho para o MA e as comemorações oficiais chegaram a ter maior repercussão do que as do MA nos meios de comunicação de massa; algumas vezes, essas comemorações aconteciam de modo entrosado e os ambientalistas pioneiros eram convidados a participar das comemorações oficiais.

No Estado de São Paulo, ao contrário do Governo autoritário que procurava intimidar os ambientalistas, o governo democrático buscou a simpatia do MA, inclusive abrindo portas para suas reivindicações como a criação do CONCEX – Conselho

Consultivo Exterior da Secretaria da Agricultura e a representação no CONSEMA – Conselho Estadual do Meio Ambiente.⁶

Com esses acontecimentos, o MA quase desaparece dos noticiários e outra entidade vai falar pelo MA como um todo, a APEDEMA – Assembleia Permanente de Defesa do Meio Ambiente congregando a maioria das entidades.

Nas eleições de 1982 o MA apoiou explicitamente dois candidatos: Walter Lazzarini, que militou na CDPC como presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo – AEASP, e o militante Gastão Gonçalves. Lazzarini tornou-se o primeiro deputado de São Paulo a se eleger com apoio e programa do MA. Em 1985 o problema que polarizou a atenção dos militantes foi a possibilidade da ocorrência de desabamento de parte da Serra do Mar em consequência do desmatamento pela poluição causada pelo complexo Industrial de Cubatão.

Nas eleições de 1986 o MA optou por organizar as “Listas Verdes” com a indicação de diversos partidos. A atuação da militância concorreu para eleger Fabio Feldman da entidade OIKOS e reeleição de Walter Lazzarini.

Figura 3 - Walter Lazzarini, primeiro deputado em São Paulo a se eleger com programa e apoio do Movimento Ecológico – 1986.



⁶ O Conselho Estadual do Meio Ambiente – CONSEMA é o máximo órgão consultivo, formativo e recursal integrante do Sistema Ambiental Paulista.

É importante notar que, a partir da segunda metade da década de 1980, a atuação do MA foi marcada pela discussão sobre a Constituinte. Inúmeros eventos como seminários e reuniões foram realizados, inclusive com a presença de representantes do Estado. Flávio Cardoso, Ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, e representantes dos governadores Montoro de São Paulo e Richa do Paraná. Foi nesse contexto que os representantes do MA solicitaram a criação de uma Secretaria do Meio Ambiente.

Nesse contexto de fortes reivindicações foi criado o CONAMA, que exigiria a realização do RIMA- Relatório de Impacto Ambiental a ser avaliado pela SEMA federal e órgão estadual correspondente, ambos com poder de veto.

Postura política do movimento e das entidades ambientalistas pioneiras no estado de São Paulo

Para analisar a postura política do movimento e conseqüentemente da maioria dos militantes foi muito importante voltar as observações sobre as constatações das duas correntes no interior do MA: ambientalistas e conservacionistas. Pois a pesquisa revelou que a práxis diferia de uma para outra.

Enquanto para a corrente ambientalista a eficiência das ações práticas residiria no caráter autônomo de sua contestação e na autenticidade de seus propósitos garantida pelo ativismo direto, os conservacionistas defendiam uma prática mais sistematizada pelos meios de comunicação de massa e ações junto aos órgãos governamentais, inclusive para obtenção de verbas que garantiam sua infraestrutura.

Esse fato leva a acirradas críticas da corrente ambientalista que acreditava que a captação de verbas nos órgãos governamentais e empresas poderia comprometer a autonomia do MA. O movimento se revelava muito seletivo em relação às instituições governamentais ou não, com as quais se relacionavam. Entretanto, existiam empresas ligadas ao turismo ou organizadas em centros de estudos com as quais o MA mantinha estreito relacionamento como a ECO, coordenada pela bióloga Nícia de Magalhães em uma atitude pioneira.

Seus profissionais assessoravam o MA esclarecendo detalhes técnicos e passando informações sobre atividades de agressões ao MA que tomavam conhecimento em suas atividades profissionais.

No levantamento de dados pelos meios de comunicação e entrevistas foi constatado que grande parte dos ecologistas pertencentes às entidades militavam nos partidos de oposição principalmente o PMDB e PT. Por exemplo, por ocasião da campanha eleitoral Cacilda Lanuza deixava-se fotografar com a camisa do candidato Walter Lazzarini do PMDB na campanha de 1986, quando o MA optou pela organização das listas verdes muitos ecologistas trabalharam individualmente na campanha de um ou outro candidato, sendo o MA em parte responsável pela eleição de Fabio Feldman.

Nessa época por ocasião da redemocratização do regime político, os dados levantados nas entrevistas junto as entidades ecológicas e na mídia indicavam que o MA (constatado no decorrer da história) que o movimento teria um papel proeminente na consolidação da democracia.

O MAPE (Movimento Arte e Pensamento Ecológico), APPN (Associação Paulista de Proteção à Natureza) e a CDPC (Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade) podem ser citados como os primeiros grupos de ecologistas atuantes no Estado de São Paulo. A CDPC dissolveu-se no início da década de 1980 devido a conflitos internos. Na mesma época um outro grupo, APPN (Associação Paulista de Proteção a Natureza) cindiu-se dando origem a outros grupos.

Em 1979 Cacilda Lanuza, que era vice-presidente da APPN, organizou o grupo Seiva que seria um dos mais atuantes na década de 1980; dessa cisão surgiu também o Grupo União Ecológica que reuniu a maior parte dos mais jovens militantes, mais identificados com posições políticas de esquerda que propunham um ativismo direto, incluindo Claudio Beccacia, Sergio Dialetachi e outros.

Nas mesmas circunstâncias surge também a União dos Defensores da Terra – OIKOS, reunindo os ecologistas que mais acreditavam em uma atuação para a abertura de espaços legais e institucionais. Dentre eles podemos citar Piero Luoni e FabioFeldman.

Nesse contexto, surge a proposta da criação de uma federação destinada a congregar todas as entidades paulistas; a proposta da federação não foi aceita pela maioria dos grupos. Criou-se, então, a APEDEMA – Assembleia Permanente das Entidades em

Defesa do Meio Ambiente, congregando grande parte dos grupos, que iria atuar como conciliado tendo em vista as divergências na atuação do MA.

A abertura do Governo Montoro ao MA funcionou como uma faca de dois gumes. Ela propiciou a absorção de militantes nos quadros dos órgãos públicos encarregados da gestão dos problemas ambientais, principalmente os militantes mais jovens, mais críticos à atuação governamental, o que colaborou para o arrefecimento das reivindicações do movimento. Tal fato gerou situações de ambiguidade em relação ao que se deveria denunciar como omissão e o que deveria ser objeto de negociações e acordos para efetiva implementação da política ambiental (ANTUNIASSI, 1989, p. 56).

Tendo em vista esta situação e as possibilidades de discussão dos termos da constituinte sobre os problemas ambientais, o MA promoveu o II Congresso de Ecologistas e Pacifistas em junho de 1986 tendo como principais pontos a discutir: a) A relação do MA com o Estado, b) a questão nuclear e c) a atuação do movimento na Constituinte.

Nesse contexto, ambientalistas de destacada atuação como Fabio Feldman (da OIKOS) e Joao Paulo Capobianco (Uniao em Defesa da Jureia) se unem a profissionais como jornalistas, cientistas, advogados, formando um ativo grupo que declara interesse pela conservação da Mata Atlântica, sobretudo no litoral sul do Estado e organizam a Fundação SOS Mata Atlântica contando com Paulo Nogueira Neto (SEMA) e José Pedro de Oliveira Costa (CONSEMA e SEMA/SP).

A criação da SOS MATA ATLANTICA deu maior visibilidade ao MA no seio da sociedade, tornando-a exemplo de atuação para grupos menores.

É importante anotar que muitos militantes desse período pioneiro estão até hoje no movimento.

Do final dos anos 90 até os dias de hoje, o crescimento do MA no Brasil e no Estado de São Paulo foi grande e a sua atuação, sobretudo política, no seio da sociedade vem avançando de forma notória e decisiva, sobretudo após a fundação do Partido Verde por um grupo de jornalistas, cientistas, intelectuais e artistas, em janeiro de 1986⁷.

⁷ Fernando Gabeira, Lucélia Santos, Alfredo Sirkis, John Neschling, Luiz Alberto Py, Herbert Daniel, Guido Gelli, Carlos Minc.

Após a criação do PV, o MA (Movimento Ambientalista) assumiu e explicitou suas intenções agindo como um partido político, conquistando adeptos e militantes cujas ações têm contado na dinâmica e, portanto, na história do Estado de São Paulo e do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNIASSI, M. H. R.; CELIGRACIA, M.; GIANANTE, R. **O movimento Ambientalista em São Paulo**. Análise sociológica de um movimento social urbano – São Paulo: Vozes, 1989.

CARDOSO, R. C. L. Movimentos sociais urbanos: balanço crítico: in SORJ, B.; ALMEIDA, M.H.T. (Orgs.) **Sociedade e política no Brasil Pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GABEIRA, F. **Vida Alternativa: uma revolução do dia-a-dia**. Porto Alegre: L.P.M Editores, 1985.

GOHN, M. G. **Teorias dos Movimentos Sociais**. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

VIOLA, E. J. **O Movimento Ecológico no Brasil (1974 – 1986): do ambientalismo a ecopolítica**. X Encontro Anual da ANPOCS, 1986. (mimeo)